

O MITO DO FATALISMO NA ASTROLOGIA PREDITIVA

Copyright Clélia Romano, DMA

Desde meus anos de juventude defendi que o livre arbítrio não passava de uma ilusão humana. O que mais me fascinou na astrologia clássica foi a ênfase na predição de eventos, o que falava a favor de minhas suspeitas de que o destino humano estava traçado, desde o berço até a sepultura.

No entanto a prática, o estudo e a maturidade astrológica levaram-me a rever parcialmente tal conceito. Mais e mais tenho dado abertura para uma nova conceitualização dos aspectos filosóficos que explicariam o fato de eventos aparentemente não previsíveis virem a suceder e outros, previstos, simplesmente não sucederem.

Este artigo abordará um dos fatores que podem explicar tais fatos, nomeadamente a capacidade humana de interagir com o destino.

Outros fatores importantes para explicar tais resultados díspares serão deixados de lado, o que significa que a presente exposição não tem a intenção de esgotar o assunto no que diz respeito a certa imponderabilidade nas cartas astrológicas.

I

O ponto focal da astrologia psicológica moderna é que a carta descreve o psiquismo do nativo. Desta forma tal linha de pensamento conclui que se determinado evento ocorrer, o nativo reagirá de uma forma específica que é descrita de acordo com as configurações da carta.

Mas não existe a habilidade para descrever **o que** irá acontecer a certa pessoa a partir de sua carta natal e nem **em qual período** de sua vida.

Não sei se todos os astrólogos psicológicos pensam da mesma forma, mas o que é comum escutar é que a carta descreve a psicodinâmica do nativo, mas não podemos dizer se em certo indivíduo particular, possuidor de uma carta determinada e, portanto de uma determinada psicodinâmica, vai responder a um evento de uma ou outra forma, pois isso vai depender do nível de consciência desse indivíduo particular e do grau de evolução do nativo, o que também não pode ser visto na carta.

Ora, diante disso conclui-se que qualquer predição é impossível de ser feita. A única coisa que se pode fazer é descrever a psicodinâmica da alma, o que pode ser bom para pessoas que procuram o astrólogo em busca de certo tipo de terapia, ou para entenderem-se a si mesmos em termos gerais.

No polo oposto temos a astrologia tradicional que dá bastante ênfase na predição dos eventos e é vista como fatalista, opondo-se então à astrologia moderna que valorizaria o livre arbítrio.

A primeira é descrita como dando ênfase ao que é externo ao indivíduo e a segunda ao que é o mundo interno.

A meu ver tal conceito é falso e trata-se de uma super-simplificação, pois podemos tradicionalmente começar por descrever os eventos externos previstos e chegar aos internos, que seriam a reação do sujeito a eles. Também podemos começar de dentro: o ato do sujeito gerando eventos externos.

A questão da previsão dos fatos, um dos fortes objetivos da astrologia tradicional, precisa ser examinada com cuidado, para não ser considerada simplisticamente fatalista porque qualquer tentativa de previsão depende de um modelo baseado na predestinação.

A astrologia ocidental nasceu no berço da civilização helênica que tem um conceito de destino muito sofisticado. Os astrólogos helenísticos acreditavam que existe *Hermamene*, isto é o destino como é normalmente entendido, descrito na carta natal. Tal carta descreve as condições necessárias na vida para que se viva o próprio destino ou em outras palavras para que se cumpra a própria *bios*, a vida. Ora, essa é uma condição necessária, mas não suficiente, visto que encontramos pessoas que tem todo tipo de condições favoráveis em suas cartas e que não chegam a realiza-las ou destacar-se em sua vida enquanto outras, cuja carta é bem menos promissora podem não chegar muito distante, mas certamente alguns vão muito além do que o que é prometido na carta.

Isto pode ser explicado pelo fato de haverem tomado a ação correta, realizado as escolhas certas no momento adequado. De certa forma podemos dizer que o jogo entre a Parte da Fortuna, ou da Lua, ligada ao que nos acontece *versus* a Parte do Espírito, ou do Sol, ligada a nossas ações, pode ser o fator decisivo a explicar tal tipo de variação.

Se o nativo se limitar a suportar o que lhe acontece ele estará usando pouco sua Parte do Espírito, que é solar e cuja principal descrição, como lemos em Valens, é a ação.

Tal entrelaçamento entre o papel das duas Partes pode fazer toda diferença.

No entanto, existem atos gerados deliberadamente e **não em resposta** ou como consequência do que nos acontece e tais ações deliberadas geram consequências. Como se vê não há muro divisório entre o que é considerado interno e externo.

O jogo entre 1-deliberar ou agir e 2-sofrer um evento e reagir, são modelos muito mais completos para fazer astrologia do que somente avaliar a alma do nativo pelas configurações astrológicas sem considerar a dimensão do mundo externo.

A astrologia tradicional tem técnicas que permitem avaliar e acessar a magnitude da natividade, o que talvez seja repugnante para o pensamento moderno e para o que atualmente se intitula ser “politicamente correto”, visto que estaremos julgando e comparando pessoas por suas cartas natais e não por seu desempenho.

De fato não se pode negar que existem cartas com mais potencialidade que outras e sobre as quais os biógrafos se debruçam por centenas de anos. Tais cartas devem ter algo de especial que as coloque em tal posição.

Ptolomeu tem um capítulo sobre a estatura da natividade e a astrologia Medieval também lidou bastante com isso:

No entanto, muitas pessoas possuidoras de cartas brilhantes não se tornam tão importantes quanto se suporia e isto tem a ver com dois fatos, o fator interno que já citamos (a falta de decisões na hora

certa) ou pelo fato das direções não concordarem com os momentos mais propícios da carta, e este último é um fato que diz respeito somente à predição e ao mundo externo.

Por exemplo, na luta pelo poder entre dois eminentes políticos se o momento das eleições coincidir com direções primárias ou profecções infelizes para um deles, isto dará ao concorrente a vitória, não importa quão correta tenha sido a atitude do primeiro ao tomar decisões. A hora certa, portanto, é um evento externo de primordial importância.

O PAPEL DOS ESTOICOS NO FATALISMO ASTROLÓGICO

A Academia fundada por Platão, teve alguns sucessores após sua morte em 347 AC até que muitas dezenas de anos após a corrente filosófica adotada pelos membros da Academia foi o Estoicismo. Tal corrente filosófica estava em voga na época de Valens e para os estoicos o destino humano era fixo e a única liberdade consistia em aceitar os eventos como se apresentassem com sabedoria.

O princípio causal era imutável e irrevogável e os estoicos seriam hoje considerados dentro do que se chama determinismo fatalista.

Muitos astrólogos modernos e mesmo tradicionais, acreditam que a astrologia clássica preditiva tem esse tipo de filosofia como base. Há algumas razões para essa ideia. Lê-se por exemplo em Valens que se deve ser um soldado do destino e em Firmicus Maternus existe uma grande introdução estoica, quando este autor diz que não é justo que boas pessoas tenham uma vida de sofrimento e outras perversas tenham um futuro brilhante, mas que nada há a se fazer pois é o destino que está acima de tudo.

No entanto, afóra estes autores que viveram de 300 a 400 anos após o período de fundação da astrologia helenística nenhuma das fontes iniciais do 2º ou 1º século AC, tais como Hermes, Nechepso, Petosiris, Serapio, Critodemus, Abram, Orfeus, Anubio, nenhum deles disse coisa alguma sobre destino ou livre arbítrio. Teriam eles a mesma visão de Valens e Firmicus?

Ora, os antigos astrólogos tinham sido educados em escolas filosóficas, fossem elas platônicas, pitagóricas ou estoicas, mas pelo que está registrado historicamente não temos razão para acreditar que todos fossem estoicos. Ao contrário, os fundadores da astrologia nunca se preocuparam em nos transmitir a razão filosófica da astrologia funcionar. Eles simplesmente forneceram práticas astrológicas. Não sabemos, portanto o que pensavam a respeito do destino ou iniciativa pessoal.

Plotinus no século III DC aceitava que os planetas pudessem ser usados para predições, mas que os pais e a educação também tem um papel igualmente importante. Além disso, aponta que gêmeos tem destinos diferentes, o que pode significar que o meio conta na realização dos potenciais astrológicos.

De fato, dificilmente pode-se ser um tirano quando se nasce em uma ilha deserta por mais nobre que seja a magnitude da carta.

Neste sentido outras teses foram levantadas, algumas de feitio francamente espiritual, tal como a escolha da alma antes de encarnar em um corpo, mas tais teorias escapam à intenção deste artigo.

KATARCHÉ

Fazer o que é certo na hora certa é um dom que algumas pessoas têm, um anjo protetor que asso-
pra em seu ouvido o que fazer em certa hora, mas que outras pessoas simplesmente não tem. Nos
tempos antigos para ter a segurança de agir corretamente e na hora certa se procurava um astrólogo
ou um adivinho.

Katharché é o nome usado para o nascimento de um evento, o seu começo. A carta astrológica
montada para o início de certa atividade na intenção de aproveitar o melhor momento para agir era
então chamada *katharché*.

Tal tipo de técnica astrológica foi praticada desde o início da astrologia e nela se baseou mais tarde,
provavelmente pela influência indiana, a astrologia horária.

Ora, se tudo fosse considerado fatal pelos criadores da astrologia a astrologia eletiva jamais teria sido
sequer concebida.

Concluindo, minha direta experiência com cartas eletivas levou-me a crer sem margem de dúvidas
que atos iniciados em momentos propícios, escolhidos de acordo com a situação celeste, conduzia
a resultados dramaticamente diferentes para melhor do que aquelas ações realizadas em momentos
não propícios.

Um caso simples diz respeito a uma empresa que queria captar especialistas em informática. Quando
o anúncio saía no jornal ou na internet quando a Lua, que participa como significadora em todos os
assuntos, estava em signos onde tem dignidades, especialmente em Touro e Câncer, os candidatos à
vaga eram de melhor nível, e se a Lua estivesse em Câncer , um signo fértil, o numero deles crescia
.exponencialmente

No entanto nada sucederia se o empregador não fizesse o anúncio.

Tudo isso pode parecer básico e simplista, mas representa uma visão totalmente diferente da vida.

Clélia Romano, DMA

Mai 2013